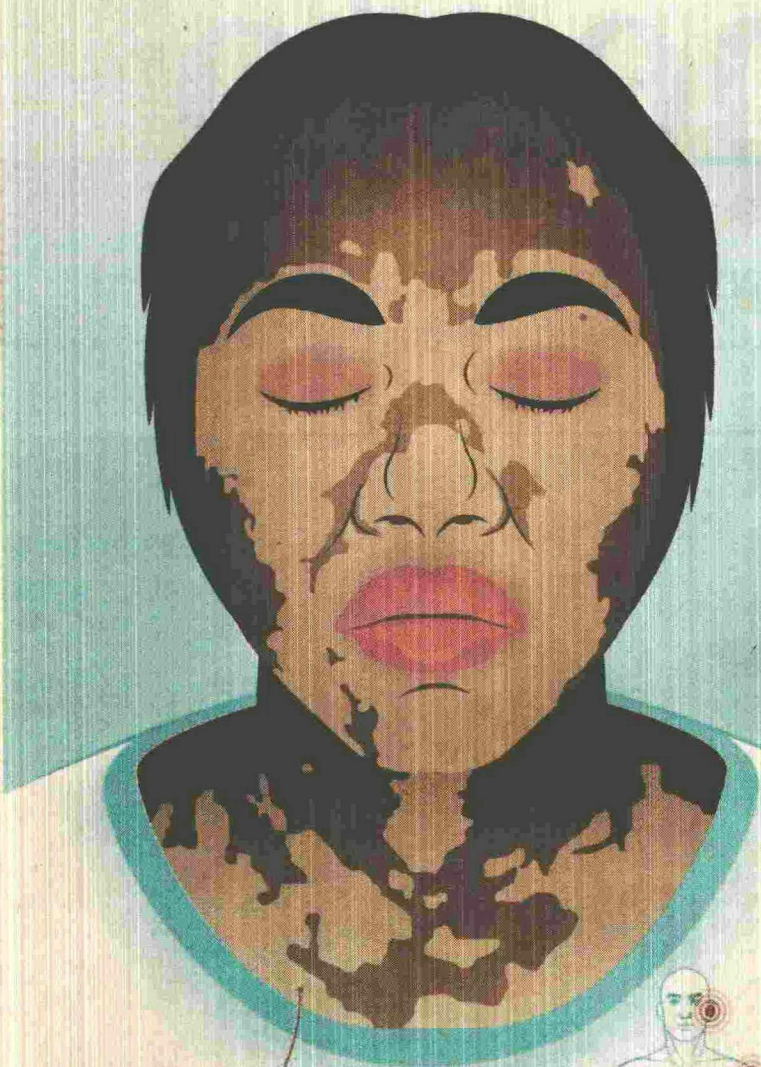


Manchas desagradáveis

Saiba mais sobre o vitiligo, a doença marcada pelas manchas que se espalham pelo corpo e que atinge até 2% da população



DIAGNÓSTICO
Normalmente, o diagnóstico é clínico, em que o médico **analisa as manchas** e determina se se trata de vitiligo ou de outra doença. Em muitos casos, o mal pode ser confundido com outros problemas, como lesões, excesso de sol ou micoses

SINTOMAS
Aparecem manchas brancas espalhadas pelo corpo, em especial nos braços, nas pernas, no rosto e nos órgãos genitais. Apesar dos problemas estéticos que acarreta, o vitiligo não causa nenhum prejuízo à saúde física



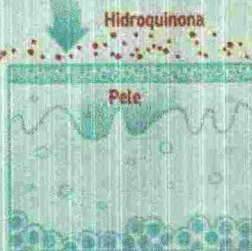
CAUSA

Não se sabe exatamente o que provoca a doença, mas existem três teorias que explicam o vitiligo:



TEORIA NEURAL

Nesse caso, como o vitiligo incide sobre a região de um nervo, seria provocado pela **produção excessiva de substâncias que destroem os melanócitos**, as células que produzem melanina



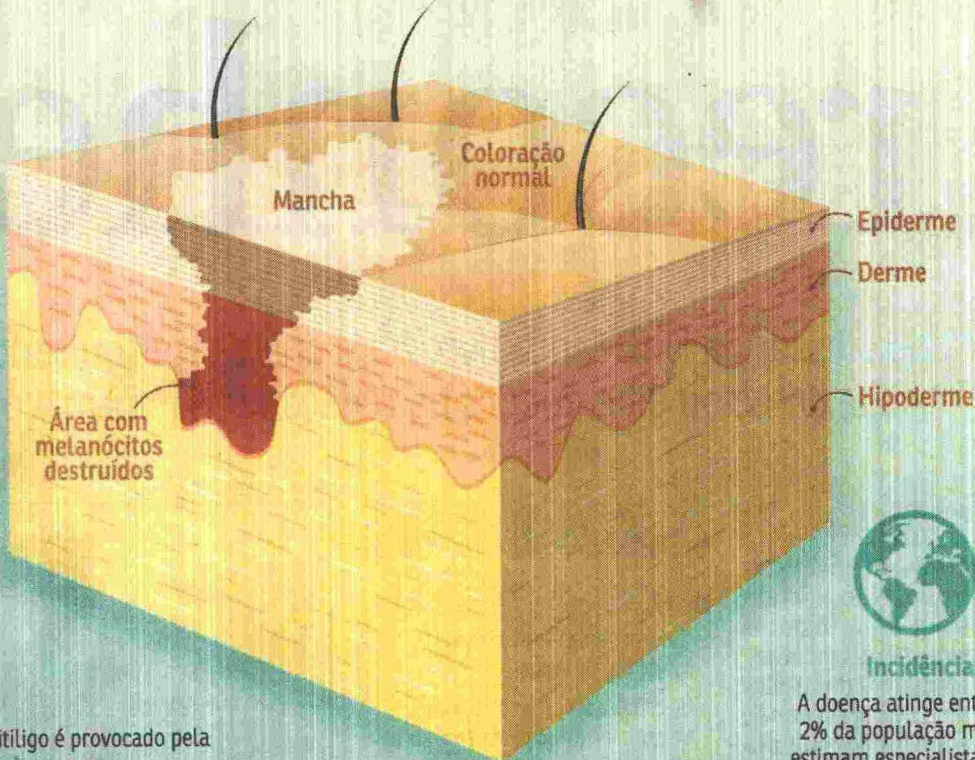
TEORIA CITÓXICA

De acordo com essa teoria, o vitiligo é provocado pela **absorção de substâncias tóxicas**, como a hidroquinona, presente em materiais como borracha e alguns tipos de tecidos.



TEORIA AUTOIMUNE

Segundo essa teoria, há a formação de **anticorpos que atacam e destroem o melanócito** ou impedem o seu funcionamento. A doença pode ter um componente genético, já que em até 30% dos casos há ocorrências na família



Incidência
A doença atinge entre 1% e 2% da população mundial, estimam especialistas. Cerca de metade dos casos ocorre antes dos 20 anos.

TRATAMENTOS

Difícil e demorado, nem sempre permite que a doença seja totalmente controlada. Entre os principais tratamentos, estão:

Uso de corticoides

Eles diminuem as inflamações nos melanócitos e impedem as reações autoimunes

Loções e fototerapia

Quando sob supervisão médica, a exposição ao sol e o uso de bronzeadores podem estimular a produção de melanina

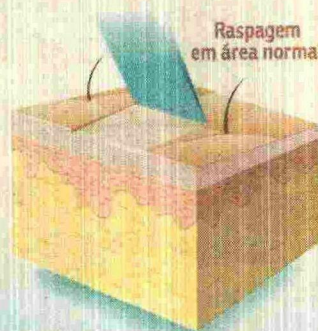
Clareamento da pele

Quando a doença atinge mais de 50% do corpo do paciente, a solução, em vez de recuperar a cor original da pele, é utilizar produtos que aceleram o vitiligo e deixam a pele totalmente branca

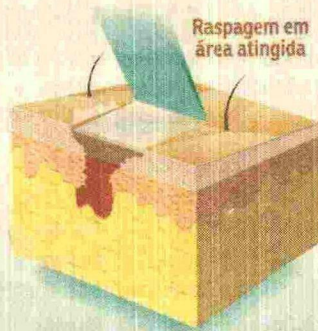
ENXERTO

Técnica semelhante a um enxerto tem se mostrado eficaz no tratamento do vitiligo. O objetivo é estimular a pigmentação da pele por meio dos melanócitos ativos

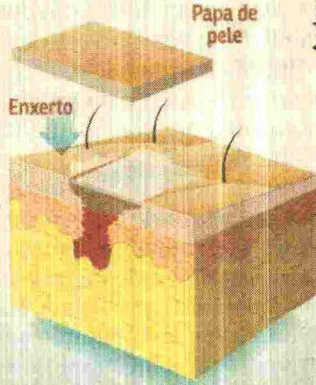
Entenda a técnica indicada para pacientes que estejam com as lesões estabilizadas, ou seja, não podem ter lesão em atividade ou qualquer inflamação na pele. Ideal para pessoas com poucas lesões



Primeiro é realizada a raspagem de pele sadia, sem manchas



Esse material é tratado com reagentes moleculares, formando uma papa de pele. A área manchada também é raspada



A papa é colocada em cima dessa raspagem e protegida por um curativo especial para fixar o enxerto

Anderson Araújo/CB/D.A. Press

Fonte: Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD)

Enxerto de pele contra o vitiligo

Técnica feita com raspas de tecido epitelial sadio tem se mostrado eficaz no tratamento da doença. A cirurgia, no entanto, só é indicada quando o distúrbio estiver sob controle e o paciente emocionalmente equilibrado

» REBECA RAMOS

Uma das doenças mais estudadas no mundo, o vitiligo ainda não tem causa definida. Caracterizado pela despigmentação da pele, o distúrbio tem incidência que varia de 0,1% a 8% da população mundial. Só nos Estados Unidos, são aproximadamente 2 milhões de pessoas acometidas pela doença. Apesar de tantas pesquisas na área, a oferta de tratamentos ainda é pequena. Mas uma técnica cirúrgica tem se aperfeiçoado e ganhado destaque. Utilizada desde 1987, a papa de melanócitos é uma espécie de enxerto colocado nas áreas afetadas pelas manchas brancas que caracterizam o problema.

Criada pelo médico indiano Davinder Parsad, a técnica, segundo o dermatologista Eugênio Reis, do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), só pode ser aplicada quando a doença estiver estabilizada. Antigamente, era feita de forma que deixava uma cicatriz grosseira. “Antes, cortava-se um pedaço de pele saudável e a colocava no lugar da lesão do vitiligo. Assim, a cicatriz ficava grossa, deixando o paciente ainda insatisfeito”, recorda. Com a técnica melhorada pelo próprio indiano, se faz um transplante de melanócito — célula que produz a melanina — apenas com uma fina camada de pele na parte da lesão.

O local que vai receber as células passa por uma abrasão, que consiste em uma espécie de raspagem da pele para que ela fique sensível e absorva bem os melanócitos. “O resultado é maravilhoso. Um melanócito pode colorir 37 queratinócitos. Isso quer dizer que, com pouca papinha, já se

consegue pigmentar uma grande região”, ressalta Reis.

Outro ponto positivo da técnica, mais adotada em outros países, é que ela está mais acessível devido ao barateamento dos reagentes moleculares. Para se submeter ao procedimento, o paciente precisa estar equilibrado emocionalmente. “Fizemos uma demonstração no hospital com algumas pessoas que, só de saberem que iriam passar pela técnica, tiveram a lesão aumentada. Por isso a importância de deixar o paciente calmo. Assim, ele controla o estresse e a ansiedade”, diz Reis.

Causa desconhecida

O dermatologista Roberto Azambuja acredita que o vitiligo tem causa genética, embora não haja comprovação científica do fato. Ele explica que, em alguns casos, a doença é dominante, acometendo todos os familiares, e, na maioria das vezes, precisa ser ativada por algum agente externo, como feridas ou queimaduras. “Mas não se sabe em qual momento esse gene é ativado. São essas peculiaridades que tornam o vitiligo uma doença individual”, observa. Segundo ele, o distúrbio acomete as pessoas de formas diferentes, em idades distintas, assim como o tratamento, que tem efeitos conforme a situação do paciente.

“Outra coisa que muitas pessoas não entendem é que o vitiligo tem um cunho emocional, o estresse pode aumentar as lesões na pele”, assegura. Segundo o especialista, só a ansiedade do paciente de achar o tratamento eficaz para as manchas e a vergonha que ele sente de expô-las desencadeiam mais



O resultado é maravilhoso. Um melanócito pode colorir 37 queratinócitos. Isso quer dizer que, com pouca papinha (de pele), já se consegue pigmentar uma grande região”

Eugênio Reis, dermatologista

Relação com outros distúrbios

Há estudos que relacionam o vitiligo a problemas endócrinos — devido ao fato de pacientes com o problema apresentarem também distúrbios na tireoide e diabetes — e autoimunes, como a anemia perniciosa, relacionada à deficiência de vitamina B12. Essas relações, no entanto, ainda não foram comprovadas cientificamente.

lesões. “É um problema cíclico e de evolução individualizada. Por isso, é necessário testar até encontrar o melhor tratamento. O importante é saber que a investigação é importante e que há, sim, cura para o vitiligo”, ressalta.

Segundo Azambuja, diferentemente do que divulgam vários profissionais de saúde, a cura do vitiligo não está nas mãos de quem trata, mas, sim, no organismo do paciente. “É um tratamento longo que precisa ter persistência”, destaca. São três tipos de intervenções: a medicamentosa, a física e a cirúrgica, que abrange o enxerto. Os medicamentosos são baseados em corticoides orais e locais, imunomoduladores tópicos, psoralenos (substâncias fotosensibilizantes) e extrato de placenta humana. Todos atuam na formação da melanina. “Esse último é um medicamento muito bom, mas não é mais vendido no Brasil”, conta.

Segundo o especialista, o tratamento medicamentoso é bastante limitado, pois é utilizado como coadjuvante de outros tratamentos ou na origem da mancha. Ele destaca que, como no início do vitiligo é identificada a atuação dos radicais livres, os antioxidantes atuam na repigmentação da pele. Também fazem parte do tratamento substâncias típicas à base de ginkgo biloba, polypodium leucotomos, ácido fólico, vitamina C, B12 e metionina.

O tratamento físico é baseado na radiação para a produção do pigmento. Há casos de pacientes que recuperam a cor da pele de forma espontânea e daqueles que optam por descolorir a pigmentação de toda a área afetada por meio da aplicação de cremes de hidroquinona. Nesses casos, os efeitos da descoloração são irreversíveis.

Detectados fatores genéticos

Pesquisadores da Universidade do Colorado e da Universidade da Flórida, nos Estados Unidos, encontraram mutações genéticas que atuam no sistema imunológico humano e podem estar associadas ao vitiligo. Pertencentes à família Fox, os 10 genes identificados são responsáveis por regular a expressão gênica e a funcionalidade em linfócitos T e em outras células envolvidas na defesa contra infecções.

Ao estudar os genomas de mais de 1,5 mil portadores do vitiligo, os pesquisadores perceberam que as células que deveriam proteger o organismo estavam se tornando muito agressivas e acabavam destruindo as células responsáveis pela produção de pigmentos. “Esse avanço poderá representar uma oportunidade de colocar em prática uma medicina personalizada, na qual terapias são desenvolvidas especialmente para pessoas com suscetibilidades genéticas específicas”, afirmou Margaret Wallace, uma das autoras do estudo, ao site da revista *Nature Genetics*.

A pesquisadora ressalta, porém, que o estudo apenas reforça a ideia de que há inúmeros caminhos celulares na manifestação e na progressão da doença. Isso torna a compreensão do distúrbio ainda mais complexo, mas, por outro lado, permite novas formas de tratamento. “O vitiligo generalizado é um distúrbio complexo, que envolve não apenas a genética ou o ambiente, mas uma combinação de fatores. À medida que estudarmos os caminhos envolvidos, poderemos começar a encontrar maneiras de interrompê-los”, disse Wallace.